

# Relações Dialógicas no Humor: Uma análise do Programa “Que História É Essa, Porchat?” sob uma perspectiva bakhtiniana

Autora: Mônica Silveira Jorge da Silva

# 01

Enviado: 01/08/2023.

Aceito: 01/10/2023.

## **Mônica Silveira Jorge da Silva**

Graduada em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2009) e Licenciada em Letras - Inglês pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI, 2022). Possui especialização em Supervisão Educacional pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI, 2018), Gestão Hospitalar pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI, 2022), Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI, 2022), Mestranda em Linguística pela Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e membra do grupo de pesquisa UPLA (PPGL-PUCRS). Atualmente, é professora nomeada pela Prefeitura Municipal de Alvorada, onde leciona Língua Portuguesa, além de ter sido professora contratada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, lecionando as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura.

Currículo

<http://lattes.cnpq.br/8264717511591003>

Lattes:

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3913-392X>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo propor uma análise dialógica do programa humorístico “Que história é essa, Porchat?” sob uma perspectiva bakhtiniana. Ao utilizar a teoria bakhtiniana, percebe-se que o programa é um espaço de diálogo, no qual diversas vozes se cruzam para criar o humor. Nos episódios do programa, observou-se que a presença de diferentes vozes trouxe experiências pessoais, posicionamentos diversos e características únicas de fazer humor, contribuindo para a criação do cômico que é compartilhado e admirado pelo público. É necessário considerar como as vozes presentes no programa interagem verbalmente, podendo ser influenciadas pelo contexto cultural e social. Para tanto, foram consideradas quatro principais bases metodológicas: identificar as vozes humorísticas, analisar o estilo de linguagem, avaliar as estratégias humorísticas e considerar o contexto e a recepção. A pesquisa baseou-se em uma abordagem interpretativa e qualitativa utilizando a análise do dialogismo do círculo de Bakhtin, as relações dialógicas, o heterodiscurso e o humor dialógico, em conjunto com trechos dos diálogos ocorridos em episódios do programa contidas no YouTube, no Canal GNT, a partir de transcrições das falas dos participantes do programa. Em síntese, este artigo destaca a importância das relações dialógicas no humor, a partir das interações entre personagens que visam contribuir para a construção de situações engraçadas. Além disso, permitiu compreender como se construiu discursivamente o humor via relações dialógicas no contexto específico deste programa, contribuindo para o avanço de estudos sobre as relações dialógicas no humor.

**Palavras-chave:** Relações Dialógicas. Humor Dialógico. Programa Humorístico.

**Abstract:** This paper aims to propose a dialogical analysis of the humorous program "Que história é essa, Porchat?" from a Bakhtinian perspective. By using Bakhtinian theory, we realize that the program is a space for dialogue, in which several voices intersect to create humor. In the episodes of the show, it was observed that the presence of different voices brought personal experiences, diverse positions, and unique characteristics of humor making, contributing to the creation of the comic that is shared and admired by the audience. It is necessary to consider how the voices present in the program interact verbally, and may be influenced by the cultural and social context. To this end, four main methodological bases were considered: identify the humorous voices, analyze the language style, evaluate the humorous strategies, and consider the context and reception. The research was based on an interpretative and qualitative approach using the analysis of Bakhtin's circle dialogism, dialogic relations, heterodiscourse and dialogic humor, together with excerpts of the dialogues that occurred in episodes of the program contained on YouTube, on the GNT Channel, from transcriptions of the program participants' speeches. In summary, this article highlights the importance of dialogic relations in humor, from the interactions between characters that aim to contribute to the construction of funny situations. Moreover, it allowed us to understand how humor was discursively constructed via dialogic relations in the specific context of this program, contributing to the advancement of studies on dialogic relations in humor.

**Keywords:** Dialogic Relations. Dialogic Humor. Humorous Program.

## Introdução

A comunicação humana está presente em diversas formas de interação linguística e social. Dessa forma, o dialogismo, um conceito teórico criado pelo linguista, filósofo e teórico da linguagem Mikhail Bakhtin, salienta-se como uma análise fundamental para entendermos o funcionamento dos discursos presentes na sociedade. Neste contexto, uma área interessante para analisar as relações dialógicas é o contexto dos programas humorísticos, que seguidamente abrangem a interação de vozes e concepções diversas para construir seu conteúdo cômico.

Em vista disso, a proposta deste estudo visa responder à seguinte pergunta de pesquisa: Como se construiu discursivamente o humor via relações dialógicas no programa humorístico “Que história é essa, Porchat?”?

Para responder essa questão, foi definido o seguinte objetivo: analisar como se constrói discursivamente o humor via relações dialógicas. Diante do exposto, escolheu-se o programa “Que história é essa, Porchat?” pela importância de se analisar as práticas dialógicas nos programas humorísticos, tendo em vista que as formas de fazer humor foram se modificando ao longo do tempo. E ao examinar as relações dialógicas no programa, pode-se refletir como o humor pode atenuar como uma maneira de resistência, de contestação ou de reforço de determinados valores e normas sociais. Sendo assim, a revisão teórica apresenta a análise a partir de estudos de Bakhtin (2016, 2020), Faraco (2009) e Fiorin (2011).

Em vista disso, utilizou-se como metodologia uma abordagem interpretativa e qualitativa utilizando a análise das relações dialógicas de Bakhtin e análise do humor dialógico, em conjunto com trechos dos diálogos ocorridos em episódios do programa. A partir da observação das gravações do programa contidas no YouTube, no Canal GNT, foram realizadas transcrições das falas dos participantes do programa em que a presença das relações dialógicas e o humor estavam predominantes.

O presente trabalho está organizado em quatro seções: o dialogismo de Bakhtin, o humor dialógico, metodologia e análise e discussão do programa “Que história é essa, Porchat?”. Na primeira seção, apresenta-se o dialogismo no círculo de Bakhtin, no qual se discute a formação do círculo e apresenta como subtítulo as relações dialógicas e o heterodiscurso, seguindo os conceitos de Bakhtin.

A segunda seção esclarece questões sobre o humor dialógico, contribuindo para a análise do corpus selecionado. Dessa forma, será possível identificar e compreender como as estratégias discursivas foram utilizadas para causar um efeito cômico.

Na terceira seção, apresentar-se-á a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho, sendo elas: a abordagem utilizada na pesquisa, o planejamento e organização, os métodos e as técnicas aplicadas na pesquisa.

Na quarta seção, serão analisadas as transcrições selecionadas das falas dos participantes do programa, identificando as estratégias dialógicas com o objetivo de proporcionar o humor.

E, por fim, as considerações finais que pretende estruturar as principais descobertas do estudo, destacando como as relações dialógicas se apresenta no programa humorístico “Que história é essa, Porchat?” e como desempenham um papel fundamental na construção do humor dialógico. Além disso, as considerações finais proporcionarão contribuições para futuras pesquisas nessa área.

Na sequência, será apresentado o Dialogismo no círculo de Bakhtin com uma breve apresentação bibliográfica do grande linguista e filósofo Mikhail Bakhtin.

## **1 O DIALOGISMO NO CÍRCULO DE BAKHTIN**

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, filósofo e pensador russo, nasceu em 1895 na Rússia. Era filho de uma família de classe média. Seu pai era funcionário de um banco e sua mãe era dona de casa. Aos nove anos, mudou-se com a sua família para Vilna, capital da Lituânia, cidade com uma diversidade de línguas, de grupos étnicos e de classes sociais. Essa vivência com a poliglossia contribuiu para marcar sua obra. Seus estudos universitários começam após sua ida para Odessa aos 15 anos, cidade também conhecida pelo plurilinguismo, com forte influência judaica. Passado um ano, transferiu-se para a Universidade de São Petesburgo, matriculando-se no Departamento de Letras Clássicas e se formou em História e Filologia. E entre 1918 e 1920, lecionou em Nevel, no qual criou um círculo de amigos conhecido, posteriormente, como Círculo de Bakhtin (FIORIN, 2011). O círculo era formado por pessoas com diferentes formações, preferências intelectuais e atividades profissionais, dentre vários outros, é possível citar Matvei I. Kagan, Ivan I. Kanaev, Maria V. Yudina, Lev V. Pumpianski, Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev (FARACO, 2009).

Bakhtin foi um linguista, filósofo e teórico da linguagem. Suas obras são encantadoras, criativas e valiosas, entretanto não são fáceis de serem lidas e compreendidas. Há várias justificativas que contribuem para a complexidade de sua leitura. Dentre elas, em primeiro lugar, a forma de escrever, tendo em vista que o autor apresenta duas tradições de pensamento filosófico: de um lado, visualiza a realidade de forma unitária, homogênea, estável, acabada e monológica; e de outro, valoriza o diverso, heterogêneo, vir a ser, inacabado e o dialógico. Entretanto, Bakhtin opta pelo segundo (FIORIN, 2011).

Em segundo lugar, o que justificaria a dificuldade para compreender as obras de Bakhtin seria a publicação na antiga União Soviética e no Ocidente. No entanto, algo que causa problema em suas publicações se refere ao fato de que algumas obras produzidas por ele foram publicadas em nome de outros autores e outros textos que somente foram conhecidos após a sua morte (FIORIN, 2011).

Isso não impediu que Bakhtin deixasse um grande legado, que foi o dialogismo, uma definição teórica desenvolvida pelo linguista e filósofo, na qual se atribui à interação entre diferentes vozes, concepções e objetivos presentes em um discurso ou texto (FIORIN, 2011). Bakhtin apresenta a heteroglossia e a responsividade como sendo conceitos essenciais do dialogismo: a heteroglossia, quando o enunciador incorpora a voz ou vozes de outros na sua própria fala. Nesse processo, há o reconhecimento da influência e a mistura dessas diversas vozes na criação do discurso; e a responsividade, que afirma que o indivíduo se relaciona com os outros, estruturando-se discursivamente ao apreender as vozes sociais que integram a realidade em que está inserido, em conjunto com suas interações dialógicas. Em função da heterogeneidade da realidade, o indivíduo não capta apenas uma voz social, mas várias vozes, que se associam também de diversas formas entre si. Desse modo, o indivíduo é sobretudo dialógico, pois seu mundo interior é produzido por várias vozes em acordo ou desacordo (FIORIN, 2011). A grande relevância da responsividade está na sua relação com a heteroglossia. No momento em que os interlocutores são responsivos, eles mostram que estão ouvindo e dando importância para as vozes dos outros participantes do ato dialógico. Isso gera um espaço de troca de opiniões, no qual pontos de vistas são aceitos e dada atenção. Por meio da responsividade, as vozes e discursos dos outros são agregados no discurso próprio, aprimorando o significado e a compreensão da mensagem.

Esses conceitos são essenciais para a apreensão do dialogismo de Bakhtin, salientando a relevância da pluralidade de vozes, da variedade de discursos e da interação responsiva na linguagem e na comunicação humana.

Logo a seguir, será abordado a importância das relações dialógicas e o heterodiscurso, tendo em vista que ambos contribuem para a construção do significado, reconhecimento da diversidade, envolvimento crítico e o desenvolvimento da identidade.

## **1.1 RELAÇÕES DIALÓGICAS E HETERODISCURSO**

As relações dialógicas e o heterodiscurso são concepções essenciais na análise do discurso. Eles atuam com uma função significativa na compreensão das interações sociais e práticas comunicativas. As relações dialógicas são interações verbais em que vozes diversas se revelam e se manipulam reciprocamente.

Em contrapartida, o heterodiscurso refere-se à ação de vozes externas, que diferem à voz do interlocutor, e que se pronunciam e desempenham intervenção sobre o discurso (Bakhtin, 2020). E segundo Bakhtin (2016),

[...] o ouvinte, ao perceber o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna o falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta real e em voz alta (BAKHTIN, 2016, p. 24-25).

Dessa forma, a posição responsiva abrange a compreensão ativa e a resposta aos distintos pontos de vista, conceitos e sentidos presentes no diálogo. Cada sujeito é persuadido e moldado por essas vozes, e sua própria expressão é um retorno a essas interferências. Assim, pode-se inferir que as relações dialógicas e o heterodiscurso são conceitos-chave que contribuem para compreender como os discursos são ajustados por interações sociais, como diferentes vozes e pontos de vistas são agregados e como as concepções são construídas e negociadas em cenários comunicativos.

É importante ressaltar que, de acordo com Faraco (2009), nos debates de Voloshinov, ele previne o leitor sobre a dimensão de compreender de que tudo o que acontece em um diálogo face a face é de natureza intrinsecamente social, ou seja, a interação face a face não deve, em nenhuma razão, restringir-se a junção casual de dois indivíduos isolados e independentes que cruzam assuntos de forma aleatória.

Após esses breves enfoques, será discutido na próxima seção como ocorre o humor dialógico, a definição de humor, bem como as linguagens do humor.

## **2 HUMOR DIALÓGICO**

Atualmente, o humor dialógico ocorre de diversas maneiras e diferentes plataformas e meios comunicativos, como: redes sociais, programas de TV e filmes, stand-up comedy, paródias e sátiras, podcasts e vídeos online. E todos os veículos possuem a intenção transmitir um humor que faça rir.

Bakhtin (1987) abordou o humor dialógico na literatura e na cultura popular, manifestando-se em três categorias: (1) cerimônias e festas, através de comemorações carnavalescas, obras engraçadas anunciadas em praças públicas, entre outras; (2) obras engraçadas verbais de várias origens, incluindo as paródias, sendo manifestadas de forma oral e escrita, tanto em latim quanto em língua vulgar; e (3) diferentes maneiras e estilo vocabular familiar e descortês, como ofensas, promessas, brasões populares utilizados por pessoas comuns para identificar sua origem familiar etc. Bakhtin (1987, p.16) complementa que “essas três categorias que, na sua heterogeneidade, refletem em um mesmo aspecto cômico do mundo, estão estreitamente inter-relacionadas e combinam-se de diferentes maneiras”, definindo-as em sátira, paródia e o riso grotesco. E, afinal, qual o conceito de humor?

Segundo Possenti (1998), o humor se conceitua pela habilidade linguística em utilizar a quebra das expectativas do interlocutor para ocasionar uma reação de surpresa e riso. Além disso, para que o humor se concretize ocorrem jogos de palavras, ironia, sarcasmo, trocadilhos, ambiguidade, a presença cultural e linguística na construção do humor, entre outros elementos que contribuem para o momento cômico.

Possenti (2001, p. 72) complementa ainda que o “humor interessa sobremaneira à filosofia, à psicologia, à psicanálise e à fisiologia, porque a cada um desses campos importa explicar o riso.”, considerando que reflexões a respeito do humor possibilita entender a profundidade da mente humana, a natureza do cômico e sua ligação com as diferentes experiências de vida.

Santos (2014) ressalta em seus estudos que o humor pode se exteriorizar tanto na forma verbal quanto não-verbal. Ele pode arquitetar uma experiência subjetiva para o indivíduo ou ter como objetivo a comunicação. Ademais, ele pode ter a capacidade de atrair as pessoas ou, em certos casos, ser usado de maneira agressiva. O humor pode surgir naturalmente ou ser utilizado como um método de interação pessoal ou profissional.

No humor verbal, são usadas palavras, frases e piadas para produzir situações engraçadas, podendo conter jogo de palavras, sarcasmo, ironia e diferentes estratégias linguísticas para provocar o riso. Enquanto, no humor não-verbal, ocorre a presença de gestos, expressões faciais, tom de voz e diferentes recursos não linguísticos.

Assim como Santos (2014), Possenti (1998) explora o humor verbal e o não verbal. O primeiro, por meio de jogos de palavras, trocadilhos e ambiguidades linguísticas; o segundo, através da análise de gestos, expressões faciais e outros elementos relacionados ao ato não verbal, mas o que se percebe é que os autores contribuem de maneira distinta (Pragmática X Análise do Discurso) a produção do sentido de humor. Depois do breve comentário sobre como ocorre o humor dialógico, a definição de humor, bem como as linguagens do humor, abordar-se-á, no próximo capítulo, a metodologia

utilizada para que fosse aplicada a análise no programa selecionado a partir dos pressupostos teóricos apresentados neste artigo

### **3 METODOLOGIA**

Como o corpus desse trabalho são as relações dialógicas no humor, a partir da análise do programa “Que história é essa, Porchat?”, apresentado às terças-feiras na TV fechada GNT e às quartas-feiras na TV aberta Rede Globo foi feito um recorte do episódio apresentados neste ano de 2023 que estão disponíveis no YouTube, Canal GNT (veja bibliografia para o endereço eletrônico).

A escolha desse tema de pesquisa se justifica pela importância de se analisar as práticas dialógicas nos programas humorísticos, tendo em vista que as formas de fazer humor foram se modificando ao longo do tempo (BAKHTIN, 1987).

Para este estudo, foi selecionado apenas um episódio devido à limitação do número de páginas, além de ser um episódio que apresenta narrativa com tema interessante que causa impacto significativo na cultura popular, utiliza técnicas específicas de humor que eu pretendo explorar na minha pesquisa. Após a seleção, realizou-se a transcrição oral tal e qual o vocabulário utilizado pelos participantes do programa, a fim de perceber as técnicas para a produção do humor. Logo em seguida, considerou-se quatro bases metodológicas para a análise: identificar as vozes humorísticas, analisar o estilo de linguagem, avaliar as estratégias humorísticas e considerar o contexto e a recepção.

A pesquisa baseou-se em uma abordagem interpretativa e qualitativa, utilizando a análise das relações dialógicas e do humor dialógico, em conjunto com trechos dos diálogos ocorridos em episódios selecionados do programa, visando responder a seguinte pergunta de pesquisa: como se construiu discursivamente o humor via relações dialógicas no programa humorístico “Que história é essa, Porchat?”?

Nesse capítulo, apresentou-se a metodologia adotada para que se possa atingir os objetivos propostos. Logo a seguir, buscou-se evidenciar, através da análise e discussão, os principais pontos teóricos com exemplos de diálogos ocorridos no programa “Que história é essa, Porchat?”, assim como contextualizar os movimentos corporais, gestuais, cenários e cores.

### **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROGRAMA “QUE HISTÓRIA É ESSA, PORCHAT?”**

No programa “Que história é essa, Porchat?”, o humorista Fábio Porchat seleciona histórias engraçadas que as pessoas têm para contar, ocorridas em um determinado período de suas vidas. O cenário transmite uma sensação de proximidade, conforto e privacidade. É um espaço planejado para criar um ambiente acolhedor e pessoal para que as pessoas se sintam à vontade e relaxada com uma iluminação suave e aconchegante através do uso de luminárias, com combinações de cores, móveis aconchegantes, elementos decorativos que representam um toque pessoal ao ambiente e uma acústica contendo um som controlado. Nesse mesmo cenário, artistas ficam no centro da plateia e Fábio convida famosos e anônimos do auditório para compartilhar experiências, sejam elas memoráveis, cômicas ou até assustadoras.

E a partir da leitura e análise das teorias estudadas para dar embasamento científico a este estudo, foi possível perceber que nos episódios do programa “Que história é essa, Porchat?” selecionados para análise, retirados do YouTube, Canal GNT, o humor é constituído por uma linguagem verbal e em alguns momentos utilizam a linguagem corporal através de gestos, expressões faciais e movimentos para criar situações engraçadas.

O episódio selecionado é sobre a história da atriz Heloísa Périssé, tendo como convidados além dela, os atores Maurício Destri e Orlando Caldeira. Em pleno domingo, Heloísa ligou correndo para o seu ginecologista que é seu grande amigo para reclamar de uma coceira que estava deixando-a desesperada. Entretanto, o nome do seu ginecologista era igual ao de um diretor que ela acabara de conhecer, mas com quem não tinha nenhuma intimidade, cujo nome havia salvado na agenda de seu celular. Ao ligar para, supostamente, seu ginecologista Sérgio, descreve com detalhes a coceira que estava sentindo. Sérgio não compreendia muito bem a situação, causando estranheza em Heloísa. Ao perceber que o Sérgio que ela ligou era o diretor de cinema e não o seu ginecologista, entrou em desespero.

Transcrição 1 – Heloísa inicia a sua história

**Heloísa:** Eu... A minha história é o seguinte: eu, um dia. Eu sou muito amiga do meu ginecologista, amicíssima dele, né, então...

<risos da plateia e convidados>

Muito assim... ele vai assistir minhas peças. Aí quando eu chego, olha, eu sempre faço uma homenagem a ele. Ele tá aqui na plateia., hoje veio me ver por outro ângulo.

<bate palmas>

<risos de fundo>

Aplaude.

Então, eu brinco dele dessa... Nós somos amicíssimos.  
E um dia, e, só que existe, e, é, eu não coloco na frente do nome dele doutor, porque nós somos muito amigos.  
**Porchat:** No celular cê diz?  
**Heloísa:** No celular.  
**Porchat:** Na agenda.  
**Heloísa:** Na agenda.  
Não tem doutor, só o nome dele.  
E tem um diretor que tem exatamente o nome dele.

\*Transcrição realizada pela autora

Ao iniciar a sua história, Heloísa utiliza em sua fala um posicionamento discursivo que a direciona à produção do humor. A sua linguagem coloquial e mais próxima a dos participantes da plateia contribui para que a interação ocorra de forma compreensível e que eles se identifiquem com a sua realidade. Outro aspecto relevante, é a presença da responsividade realizada pelo apresentador Fábio Porchat. Ele interage na história e a atriz absorve essa contribuição verbal como sendo sua.

Percebe-se que Heloísa, ao pronunciar “: Eu... A minha história é o seguinte: eu, um dia. Eu sou muito amiga do meu ginecologista, amicíssima dele, né, então...”, utiliza jogo de palavras para causar um certo suspense, mas um suspense num tom cômico, contribuindo para que em seguida ocorra o riso. E esse riso acontece através da plateia e convidados. Todos são recíprocos a essa estratégia criada pela atriz.

E, novamente, a atriz utiliza o jogo de palavras ao dizer “Muito assim... ele vai assistir minhas peças. Aí quando eu chego, olha, eu sempre faço uma homenagem a ele. Ele tá aqui na plateia, hoje veio me ver por outro ângulo.”. Heloísa cria uma expectativa ao ouvinte que fica imaginando e vivenciando aquela cena tão incomum e que logo é quebrada, então retribui com palmas e risos.

Verifica-se, então, que o predomínio do humor verbal foi essencial para que fosse produzido o cômico. O jogo de palavras foi fundamental para expectativa que precisou ser quebrada para que o humor ocorresse.

## Transcrição 2 – Heloísa informa o nome do diretor de cinema

**Heloísa:** É... É uma história... Que é uma pessoa maravilhosa, um cara super gente fina.

**Porchat:** Que é um diretor...

**Heloísa:** Que é um diretor <pausa> baiano.

**Porchat:** Baiano.

**Heloísa:** Né?!

<pausa>

E

Eu tô preocupada de falar, é depois eu vou me arrepender.

**Porchat:** Num vai.

**Heloísa:** Vou ficar puta da vida.

**Porchat:** Num vai.

**Heloísa:** Porque você está me induzindo.

<risos de fundo>

Enfim, essa história tem muitos anos. E o meu, o meu ginecologista se chama

<baixa a cabeça, coloca as mãos no rostos, rindo>

<risos de fundo>

**Porchat:** Não, o nome não tem, nem nada. É só porque ela está com medo de falar o nome, mas não tem importância nenhuma.

**Heloísa:** É porque a história não é amena, né?!

**Porchat:** <sacudindo a cabeça>

Não, é. Tranquila, pode falar, vai que eu te...

<risos>

Eu garanto, eu garanto, pode ir, pode ir.

**Heloísa:** Gente, eu não que que Fábio tá me fazendo contá essa história. Enfim, eu memo disse pra ele que eu contaria, mas tá certo.

O meu ginecologista se chama Sérgio Machado.

**Porchat:** Perfeito.

Sérgio Machado, nome comum.

<movimentando as mãos>

**Heloísa:** Nome comum.

**Porchat:** E o diretor de cinema baiano Sérgio Machado.

**Heloísa:** Também.

Com quem eu já tinha mantido contato pouquíssimas vezes.

<risos do Porchat>

Não tinha menor intimidade.

<movimenta as mãos>

Um cara super gente fina e tal.

**Porchat:** Há?

**Heloísa:** E aí num final de semana, eu comecei a <movimenta as mãos> me desesperar porque eu tava com <risos> problemas <coloca a mão na mesinha ao lado como se estivesse pegando algo> pego o meu celular, abri Sérgio Machado, eu "troufe".

<risos de fundo>

\*Transcrição realizada pela autora

Nessa segunda transcrição, as vozes de Heloísa e Porchat se entrecruzam de forma intrínseca e responsiva, com a presença da réplica, ocasionando o riso dos participantes do programa. Os gestos produzidos pela atriz corroboram para que a sua oralidade materialize a situação. Heloísa interage com os convidados, demonstrando a proximidade e o conforto presentes no ambiente. E Porchat continua interagindo e persuadindo verbalmente a fala de Heloísa para que ela conclua a sua história de forma cômica, e os objetos presentes ao redor contribuem para essa interação.

Quando Heloísa fala: “: É... É uma história... Que é uma pessoa maravilhosa, um cara super gente fina.”, cria uma expectativa no ouvinte que procura imaginar quem é essa pessoa pertencente à história. Entretanto, essa expectativa é quebrada por Porchat para que a atriz dê sequência à história e apresente o momento cômico. E a atriz vai criando estratégias linguísticas através das afirmações que profere sobre Fábio Porchat persuadi-la a contar a sua narrativa. Assim, ela vai prolongando o contexto cômico, criando novamente uma expectativa no ouvinte, e este último, no aguardo do desfecho, corresponde com o riso.

Nessa cena, o humor verbal e o não verbal estão presentes em todos os momentos através das estratégias linguísticas e dos gestos e expressões faciais que o apresentador e principalmente a atriz realizam para que a cena seja mais verossímil possível.

### Transcrição 3 – Heloísa informa o motivo do contato

**Heloísa:** Ligo.

Aí, ele atende: alô.

Eu falei: Sérgio, Lolô.

Ele falou: diga, aí. <sotaque baiano>

Eu falei: e tá baiano.

<risos da plateia e convidados>

<aplausos>

**Porchat:** Tá baiano.

<mexe os dedos da mão direita no ar>

<aplausos>

Por quê? <risos>

Tá baiano.

**Heloísa:** Tava.

**Porchat:** E ele fez?  
**Heloísa:** Não reagiu, porque é baiano.  
Então... Ele...  
<bate as mãos indicando indiferença>  
Ele nem entendeu.  
Ele fez um: ré, ré, sem graça.  
<risos de fundo>  
Aí, ele falou: Tudo bem?  
Eu falei: amor, mais ou menos.  
Ele falou: por quê?  
Eu disse: Tô cuma coceira.  
<risos de Orlando>  
<risos de fundo>  
Se num faz ideia.  
<levanta as mãos para cima na altura do peito>

\*Transcrição realizada pela autora

Na transcrição 3, ocorre a presença da heteroglossia, tendo em vista que Heloísa incorpora a voz de Sérgio, inclusive imitando seu sotaque. A plateia ri ao perceber a performance da atriz. Sem demora, Porchat interage, enfatizando o vocábulo “baiano” para fortalecer o efeito cômico causado. Heloísa retoma sua história utilizando novamente a heteroglossia e expõe o motivo da ligação a Sérgio. Os convidados riem por ser um tema considerado íntimo de acordo com as normas sociais, visto que o que é considerado proibido tem um poder de atração manifestado pelo riso.

Nessa cena, o jogo de palavras e a referência sociocultural são apresentados através da caracterização do personagem da história que é baiano. O uso do sotaque, as pausas, as repetições e o uso do discurso direto tornam a história empolgante e cômica que a expectativa criada pelos ouvintes é demonstrada através dos risos e aplausos. Todos aguardam de uma forma divertida a situação mais engraçada que está por vir. O Humor verbal e o não verbal estão sempre presentes nessas trocas comunicativas, contribuindo para a produção do cômico.

Transcrição 4 – Heloísa finaliza a história

**Heloísa:** Ele falou assim: Hã?  
<movimenta os braços>  
O máximo que ele conseguiu dizer foi isso: hã?  
<faz um olhar de estranheza>  
Achei estranho que ele não reagiu.  
E falei: amor, tô com cândida.  
<risos>  
<aplusos>  
Aí ele vira

<aplausos e gargalhada de Orlando>  
Sem entender, ele virou e falou assim: tá com quem?  
<risos>  
Eu falei: não, amor, não é quem. É co..., quem é ótimo, né?! Estou com quem, estou com o quê. Estou com cândida.  
<movimenta as mãos>  
<risos>  
Búú, cri, cri, cri <sinaliza com os dedos>  
Bateu. Silêncio.  
Eu comecei a achar estranho.  
Eu falei: Caraca, é um final de semana, vai ver que o cara bebeu <direciona o polegar direito para a boca>  
Tava dormindo, o cara não tá concatenando.  
Aí, ele falou: Certo <baixando o tom de voz>  
<risos>  
Aí, eu falei: Sérgio, você ouviu o que eu falei?  
Estou com uma coceiraaa <ênfatisa a frase com os dedos no ouvido esquerdo, simulando um telefone>  
Muita coceira.  
Aí, ele, mais sem entender, ele falou: tá com coceira aonde? <sotaque baiano>  
<gargalhada do Porchat>  
Eu não tô acreditando. Se eu tô te ligando, Sérgio, eu estou com uma coceira aonde?  
Na xereca.  
<gargalhadas>  
<gargalhada do Orlando>  
Mas eu não sei...  
Gente, cês não tão entendendo, sem intimidade nenhuma, uma pessoa recebe um telefonema no domingo de uma pessoa.  
Aí, eu falei: uma coceira na xereca, Sérgio.  
<risos>  
Eu faço o quê?  
**Porchat:** <rindo>  
E ele?  
**Heloísa:** Aí ele fez assim: num sei.  
<risos>  
Falei: não, porra. Sério?  
Sem sacanagem.  
Eu faço o quê? Se você não sabe, quem vai saber?  
<risos>  
Aí, ele falou: seu médico?  
<revira os olhos, levanta a cabeça e coloca a mão direita no pescoço>  
<gargalhada do Porchat>  
A sensação que eu tive, cês vão entender completamente. Sabe quando você vai no elevador do terror, aquela coisa?  
**Porchat:** Abre um alçapão.

< sinaliza com as mãos como se estivesse abrindo algo >

**Heloísa:** Abre um alçapão cê faz: "vum", o chão sai.

Eu tive < passa a mão direita no pescoço >

fração de segundo morte, eu morri, eu morri alguns segundos.

Eu disse: não fiz isso, não é possível.

Eu afastei o telefone, tava escrito de certo que era mesmo o nome.

< berra >

Eu dei um berro.

\*Transcrição realizada pela autora

E, por fim, a transcrição 4, na qual predomina a heteroglossia para detalhar de forma mais intensa e verídica a situação apresentada. A atriz não utiliza somente a incorporação da voz de Sérgio, mas contribui com gestos, movimentos corporais, variação no tom de voz, intensificação da pronúncia de palavras para que o humor cause o riso. O humor verbal e o não verbal interlaçados para impulsionar o momento cômico

O uso do discurso direto utilizado pela atriz para narrar a história foi fundamental para transmitir as falas e as relações dialógicas dos personagens de uma maneira mais realista, envolvente e animada, ampliando o impacto e o humor da situação. Além disso, quando a atriz modificou sua voz para reproduzir os diálogos ocorridos na história, contribuiu para distinguir os personagens, favorecer com que a narração se torne mais dinâmica e auxiliar na transmissão do humor das falas de cada personagem, tornando o acontecimento mais divertido para o ouvinte.

Após a análise realizada do episódio selecionado do programa "Que história é essa, Porchat?", passa-se para as considerações finais do artigo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo visou investigar como se construiu discursivamente o humor via relações dialógicas no programa humorístico "Que história é essa, Porchat?".

A partir da perspectiva do dialogismo bakhtiniano, foi possível observar no episódio selecionado do programa que as relações dialógicas são essenciais para a compreensão da linguagem e da comunicação humana.

O humor foi construído apoiado por diferentes vozes presentes na interação verbal entre participantes do programa e o apresentador. Essas várias vozes contribuíram para a criação de um ambiente propício e rico em humor, visando aproveitar todos os registros linguísticos e discursivos adicionados ao cômico.

As relações dialógicas no programa foram contempladas pela presença da heteroglossia e a responsividade. A presença dessas vozes diferentes estimula a interação e a troca de ideias. Isso ressalta que a linguagem não é um item individual e imóvel, mas um movimento ativo e socialmente estruturado. Por outro lado, a existência da heteroglossia contribuiu para que ocorresse uma diversidade na linguagem coloquial, representando o contexto cultural e social das participantes. Essa diversidade ofereceu uma construção de personagens com características distintas, que contribuíram para análise das relações dialógicas no humor. Ou seja, o humor verbal e o não verbal estavam unidos e contribuíram para que ocorresse a criação do cômico.

E, não menos importante, e muito presente durante das interações verbais, a responsividade. Esta desempenhou um papel significativo nos episódios. A capacidade das participantes em responder e reagir de forma adequada, criativa e bem estruturada aos questionamentos e inferências realizadas pelo apresentador foram fundamentais para a criação do humor.

No entanto, não se pode desconsiderar que os gestos, os movimentos corporais, as expressões faciais e o ambiente colaboraram para que o humor fosse construído juntamente com as interações verbais, com o intuito de fazer rir e proporcionar um programa envolvente e divertido para o público.

Sendo assim, essa análise permitiu compreender como se construiu discursivamente o humor via relações dialógicas no contexto específico deste programa, contribuindo para o avanço de estudos sobre as relações dialógicas no humor.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. (6ª Edição). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. (1ª edição). São Paulo: Editora 34, 2016.

CANAL GNT. Heloísa Périssé ligou para o ginecologista, mas... Que História É Essa, Porchat?. YouTube, 12 de abril de 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/KBDmba53V-c>>. Acesso em: 06 de junho de 2023.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & Diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. 1ª Edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2011.

POSSENTI, Sírio. O humor e a língua. Ciência hoje. v.30, n. 176, p. 72-74, out. 2001. Disponível em: <<http://juliofurtado.com.br/wp-content/uploads/2017/08/o-humor-e-a-lingua-texto.pdf>> Acesso em: 25. jun. 2023.

POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SANTOS, Sebastião Lourenço dos. O enigma da piada: convergências teóricas e emergência pragmática. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.